



**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
Curso de licenciatura em Geografia

Filipe Carvalho dos Santos

**CORPO-PAISAGEM E ELITIZAÇÃO NO ENSINO  
SUPERIOR:**  
desigualdade racial e pertencimento no curso de direito da UFRRJ-  
Instituto Multidisciplinar (IM)

Rio de Janeiro  
2026

Filipe Carvalho dos Santos

**CORPO-PAISAGEM E ELITIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR:**  
desigualdade racial e pertencimento no curso de direito da UFRRJ- Instituto Multidisciplinar  
(IM)

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em licenciatura em Geografia.

Orientadora: Professora M.<sup>a</sup> Tatiana de Souza Ferreira

Rio de Janeiro  
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),  
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

S237c

Santos, Filipe Carvalho dos

Corpo-paisagem e elitização no ensino superior: desigualdade racial e pertencimento no curso de direito da UFRRJ-Instituto Multidisciplinar (IM) / Filipe Carvalho dos Santos. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2026.

23 p.

Orientadora: Profa. Ma Tatiana de Souza Ferreira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II, Curso de Licenciatura em Geografia.

1.Pertencimento. 2.Exclusão social. 3.Desigualdade social.  
4.Ensino superior - Aspectos sociais – Brasil. I.Ferreira, Tatiana de Souza (Orientadora). II.Colégio Pedro. III.Licenciatura em Geografia . IV.Título

CDD 307.76

**CORPO-PAISAGEM E ELITIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR:**  
desigualdade racial e pertencimento no curso de direito da UFRRJ-IM

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em licenciatura em Geografia.

Aprovado em:   13   /   03   /   2026  .

Banca Examinadora:

**M.<sup>a</sup> Tatiana de Souza Ferreira (orientadora)**  
Colégio Pedro II

**Dr. Renan da Silva Gomes**  
Colégio Pedro II

**Larissa Lima de Souza**  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro  
2026

“Far from being spectators of the world we are participants in it”<sup>1</sup>

John Brinckerhoff Jackson.

---

<sup>1</sup> “longe de sermos espectadores do mundo, somos participantes dele.” Tradução livre.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir o conceito de paisagem para análises geográficas a partir de sua relação com os corpos que circulam, vivem e constroem a paisagem que aqui analisamos. O principal marcador do corpo utilizado nesta pesquisa é o de raça. Essa proposição de investigação da paisagem tem como nome “corpo-paisagem”. Desse modo, o trabalho também apresenta uma contribuição prática do uso dessa nova dinâmica analítica da paisagem, comprovando sua aplicabilidade em outras pesquisas possíveis. Os dados empíricos dessa pesquisa foram recolhidos na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no curso de direito, com o objetivo de compreender como os corpos vistos na paisagem acadêmica mostram uma concepção simbólica de pertencimento de determinados grupos sociais e raciais em locais específicos. Além disso, a análise comprova a exclusão acadêmica a partir da elitização de determinados cursos de graduação, como Direito, Medicina e Engenharias, apontando para o fato de que o acesso não equivale ao sentimento de pertencimento dos estudantes negros que fogem do padrão hegemônico embranquecido desses ambientes acadêmicos.

**Palavras-chave:** corpo-paisagem, pertencimento, exclusão acadêmica, estudantes negros, elitização do ensino superior.

## RESÚMEN

Este trabajo se propone discutir el concepto de paisaje para análisis geográficos a partir de su relación con los cuerpos que circulan, viven y construyen el paisaje que aquí analizamos. El principal marcador del cuerpo utilizado en esta investigación es el de raza. Esta proposición de investigación del paisaje tiene como nombre "cuerpo-paisaje". De este modo, el trabajo también presenta una contribución práctica del uso de esta nueva dinámica analítica del paisaje, probando su aplicabilidad en otras investigaciones posibles. Los datos empíricos de esta investigación fueron recogidos en la Universidad Federal Rural de en el curso de derecho, con el objetivo de comprender cómo los cuerpos vistos en el paisaje académico muestran una concepción simbólica de pertenencia a determinados grupos sociales y raciales en lugares específicos. Además, el análisis evidencia la exclusión académica a partir de la elitización de ciertos cursos de grado, como Derecho, Medicina e Ingeniería, señalando el hecho de que el acceso no equivale al sentimiento de pertenencia de los estudiantes negros que huyen del patrón hegemónico blanqueado de estos ambientes académicos.

**Palabras-clave:** cuerpo-paisaje, pertenencia, exclusión académica, estudiantes negros, elitización de la educación superior.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>8</b>
<b>3. CORPO-PAISAGEM: RAÇA, CLASSE E A ELITIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>9</b>
<b>4. A PAISAGEM DO CURSO DE DIREITO DA RURAL-IM.....</b>	<b>15</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>

**Lista de Abreviações:**

**UFRRJ-IM** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**FND** – Faculdade Nacional de Direito.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a tratar de uma nova perspectiva do conceito de paisagem a partir do recorte específico da paisagem acadêmica do curso de Direito da UFRRJ-IM, *campus* Nova Iguaçu. Nesta pesquisa, entendo a paisagem acadêmica como o reflexo da integração dos estudantes com o espaço da universidade, também entendendo que os corpos que nela estão presentes podem se sentir ou não pertencentes, não somente como um cenário físico, mas também a partir de uma perspectiva simbólica. Essa perspectiva simbólica está intrinsecamente ligada ao histórico das faculdades públicas e dos grupos que tradicionalmente a ocuparam ao longo do tempo.

Entendemos também que com o passar do tempo as faculdades públicas têm atingido grupos que antes não eram esperados nelas, esses grupos atravessados de marcadores comuns: raça e classe social, principalmente. Assim, as análises sobre as paisagens acadêmicas também se modificaram, pois a diversidade, antes não encontrada, tem se tornado comum nos ambientes de cursos superiores.

Desse modo, com esse trabalho proponho uma nova análise do conceito de paisagem a partir do recorte específico das faculdades públicas na exemplificação da possibilidade no uso dos corpos para entendermos as relações agora diversificadas nas paisagens das universidades. Ciente que a concepção de paisagem ainda é frequentemente tratada de forma limitada como elaborado por Marcelo Lopes de Souza (2013), “[...] o conceito de paisagem tem, tradicionalmente, um escopo mais específico, ligado, primordialmente, ao espaço abarcado pela visão do observador [...]” (p.43). No entanto, essa abordagem tem sido criticada por autores contemporâneos como John Wylie, que questionam se a paisagem é apenas uma cena observada ou um espaço vivido e construído pelos sujeitos (WYLIE, 2007). Essa perspectiva permite analisar a paisagem acadêmica não apenas como um cenário físico, mas como um ambiente estruturado por relações de poder, exclusão e resistência, gerando assim paisagens simbólicas.

A exclusão racial no ensino superior brasileiro é uma realidade histórica que, apesar das políticas de democratização do acesso, persiste em cursos de grande prestígio, como Medicina, Engenharia e Direito como dito por Hustana Vargas (2008). A implementação das cotas ampliou a presença de estudantes negros nesses espaços, mas sua integração ainda enfrenta desafios. Para muitos, a sensação de pertencimento é limitada por barreiras institucionais e simbólicas que moldam a experiência universitária.

O conceito de "corpo-paisagem", o qual discutiremos mais durante o artigo, se resumiria na inserção dos corpos e suas características para a compreensão das relações de

poder expressas na paisagem. Assim, é fundamental para compreender como determinados corpos são percebidos e inseridos no espaço acadêmico. A exclusão de corporeidades na análise geográfica tradicional ignora as experiências específicas de diferentes grupos sociais. No contexto universitário, cursos como Direito, Medicina e Engenharia apresentam paisagens acadêmicas predominantemente brancas, enquanto cursos de licenciatura possuem maior diversidade racial, refletindo desigualdades estruturais no ensino superior brasileiro. Esse sendo um retrato direto das dinâmicas que a sociedade expressa onde posições prestigiadas são preenchidas por corpos que representam essa hierarquização social, corpos brancos, assim como expressa Bárbara Carine (2023).

A partir disso, desde a criação dos cursos chamados “imperiais” no Brasil, como Medicina, Engenharia e Direito (COELHO, 1999), essas formações mantêm um perfil elitista dentro das universidades. Embora políticas de democratização, como o sistema de cotas, tenham ampliado o acesso a grupos historicamente excluídos, a permanência desses estudantes ainda é um desafio. Como aponta Melina Martins (2018), a desigualdade no ensino superior vem sendo reduzida, mas ainda há mudanças necessárias para garantir maior inclusão em cursos tradicionalmente ocupados por grupos privilegiados.

Partindo deste contexto, este estudo busca compreender como os estudantes negros do curso de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Nova Iguaçu, percebem sua presença nesse ambiente acadêmico e de que forma essa vivência se relaciona com o que chamamos de “paisagem universitária”<sup>2</sup>. A pesquisa investiga se esses estudantes se veem em coerência com o espaço que ocupam ou se experimentam um sentimento de deslocamento, analisando também como acreditam ser percebidos por seus colegas e professores. Assim, este trabalho se volta para a subjetividade desses estudantes e suas experiências dentro de um curso historicamente elitizado.

Ao abordar essa questão, a pesquisa não apenas discute os impactos das políticas de inclusão no ensino superior, mas também evidencia as dinâmicas simbólicas e sociais que influenciam o pertencimento acadêmico. Dessa forma, contribui para o debate sobre interseccionalidade entre raça, classe e espaço no ensino superior, ampliando a compreensão sobre como a paisagem universitária é construída e vivenciada pelos sujeitos que a compõem.

---

<sup>2</sup> Nesse artigo entendemos paisagem universitária, também paisagem acadêmica, como o espaço abarcado pela visão, onde os corpos também são contemplados, de áreas de convívio do espaço acadêmico, porém com determinados limites as especificidades de cada ambiente. Como por exemplo o pátio de uma universidade ou a sala de aula de um curso específico.

Esse artigo é estruturado da seguinte forma: no primeiro momento, apresentamos a metodologia; posteriormente discutiremos a nova perspectiva do conceito de paisagem de modo a que introduziremos os corpos que se fazem presentes nelas nas análises, contrapondo o tradicionalismo geográfico e, juntamente a isso, abordaremos sobre a elitização do ensino superior, utilizando cursos com maior prestígio social para essa verificação. No segundo momento, observaremos o exemplo prático dessa dinâmica de análise em um curso entendido socialmente como notório em uma universidade localizada no território da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

## 2. METODOLOGIA

Com a finalidade de apresentar dados concretos ao trabalho apresentado, a pesquisa foi construída com uma abordagem qualitativa. De acordo com Maria Minayo (2009, p. 21-22) a abordagem qualitativa trabalha com questões mais pontuais e de maneira mais detalhista em relação a simbologia dos conteúdos, “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, utilizando-se das ações e relações humanas inerentes à subjetividade.”. Nesse contexto, elaborou-se um questionário fechado, por meio da plataforma digital Google Forms. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada de maneira online.

Para os dados do questionário, foi necessário selecionar sujeitos, território, local e período universitário que dialogassem com toda a discussão acadêmica proposta no artigo. O diálogo com os respondentes da pesquisa foi possível por intermédio do presidente do Centro Acadêmico de Direito da UFRRJ/IM. Nesse sentido, o formulário foi enviado a doze estudantes negros, visto que esse grupo concentra a menor porcentagem de educandos no curso de Direito em nível nacional. Além disso, a escolha da UFRRJ/IM justifica-se pelo questionamento de por que, em uma universidade federal localizada na Baixada Fluminense — região que concentra uma população composta por mais de 50% de pessoas negras (IBGE, 2022) —, esses corpos não representam uma paisagem equitativa e diversificada no curso de Direito da UFRRJ/IM.

Os respondentes do questionário fechado estão distribuídos entre os 4º, 6º, 8º e 10º períodos. A escolha dos períodos foi pensada sob duas perspectivas, relacionadas ao recorte racial: a primeira com os alunos do 4º e 6º períodos, representando a perspectiva inicial desses estudantes; enquanto os alunos do 8º e 10º períodos trazem uma visão fundamentada nas vivências ao longo da graduação.

Ademais, por meio de uma entrevista semiestruturada — que se fundamenta em: “falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (GIL, 1999 apud MATTOS, 2020) — foi realizado um diálogo com um ex-aluno do curso de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar, a fim de compreender a percepção racial experimentada no campus, agora sob a ótica externa. O maior desafio enfrentado no processo metodológico foi a negação de alguns alunos em participar da pesquisa, além do pequeno quantitativo de estudantes negros na graduação de Direito da Universidade Rural do Rio de Janeiro.

Portanto, o processo metodológico apoia-se em respostas que sustentam a questão central defendida no artigo. Embora o número de respostas não seja grande, ele demonstra que é essencial estudar o tema e buscar soluções para a paisagem não diversificada presente no curso de Direito, um espaço ainda marcado por características elitistas na Baixada Fluminense.

### **3. CORPO-PAISAGEM: RAÇA, CLASSE E A ELITIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

A paisagem é um dos conceitos base, desde o princípio da construção da ciência geográfica. Essa é um elemento essencial no mundo, manifestando-se de diferentes maneiras: em pinturas clássicas de campos e bosques, em fotografias de cidades movimentadas ou na simples observação a olho nu. Nesse contexto, muitos geógrafos como SOUZA (2013) e WYLIE (2006) a defendem como objeto da geografia científica. Contudo, faz-se fundamental refletir que essa concepção surge a partir de percepções leitoras de mundos e suas culturas. Dessa forma, ao pensarmos nas paisagens, faz-se necessário perguntar-se: os corpos se fazem presentes? E nas paisagens urbanas, quando presentes, os corpos são atravessados por características que se relacionam com essas paisagens? Essas questões influenciam a análise geográfica?

Sob esse viés, ao buscar respostas em autores consolidados da geografia a partir de Carl Sauer<sup>3</sup> e Milton Santos<sup>4</sup> - importantes autores para a geografia -, percebe-se um ponto em comum: ambos não consideram a corporeidade na análise da paisagem. Sauer, ao avançar na geografia cultural, vê os seres humanos como agentes transformadores da paisagem

---

<sup>3</sup> Carl Sauer importante autor que discute paisagem a partir da Geografia Cultural, sendo ele considerado o pai desse conceito. Também sendo geógrafo de referência no exterior.

<sup>4</sup> Milton Santos importante geógrafo brasileiro, que discute paisagem a partir das dinâmicas sociais que as modificam de tempos em tempos.

natural, resultando na paisagem cultural. Assim, quando "Sauer fala de paisagem, ele está a falar de uma entidade cultural, de algo criado pelo homem, de uma modificação da natureza e não de um ambiente natural" (WYLIE, 2006). Contudo, permanece a visão do humano genérico. Em contrapartida, Milton Santos, por sua vez, entende a paisagem como parte do que foi construído no espaço ao longo da história. Para ele, não é a paisagem que interage com a sociedade, mas sim o espaço. "O espaço, ele mesmo, é social" (SANTOS, 1982:10).

No entanto, a exclusão dos corpos na análise geográfica tradicional tem implicações profundas, dado que, ao tratar o ser humano de forma genérica, sem considerar suas particularidades raciais, de gênero e classe, essa abordagem ignora como diferentes grupos vivenciam a paisagem de maneira desigual. A noção de corpo-paisagem permite repensar essa questão, compreendendo a paisagem não apenas como um espaço visual ou físico, mas também como uma construção social marcada por presenças e ausências. A forma como determinados corpos são aceitos ou rejeitados em certos espaços revela hierarquias e dinâmicas de poder, como demonstra Mitchel (2000):

A principal questão metodológica, então, e de suma importância para aqueles que querem entender a relação entre a produção da cultura e a produção da paisagem, é a maneira como os significados intencionais dos construtores de uma paisagem se chocam com a miríade de outros significados que podem ser atribuídos ou derivados de uma paisagem por seus "usuários". Como o significado é sempre um produto da luta entre os "produtores" e os vários "usuários" da paisagem, deve ser evidente, no entanto, que só porque as paisagens podem assumir vários significados, isso não significa que todos os significados sejam iguais. Pois, em qualquer disputa de significado, a questão principal será sempre a do poder. (MITCHEL, Don. "Metaphors to Live By: Landscapes as Systems of Social Reproduction" (Cap. 5). *Cultural geography: a critical introduction*. Massachusetts: Blackwell, 2000.)

A terminologia "corpo-paisagem" pode ser entendida por outro nome e com foco um pouco diferente por Guido Bragioni em seu texto "CORPO-ESPAÇO NA FLUIDEZ DA PAISAGEM" que diante de uma perspectiva em que relaciona a cidade aos corpos, mostra que esse é cerne dos espaços urbanos, identifica essa nomenclatura como "Corpo-Espaço" no qual observa e mostra que todos os conceitos da geografia e os corpos que os interpretam são interdependentes, pois sem um o outro não existiria.

Sendo assim, pensar as relações entre a paisagem urbana e o corpo significa conceber que o espaço geográfico é constituído por uma materialidade animada, diversa e atravessada nos corpos e, ao mesmo tempo, que esses corpos se aportam no espaço e no tempo, atravessados pelas intensidades com as quais experimentam a cidade. Desta forma, é possível pensar e discutir o "corpo-espaço" (o corpo no espaço), o "espaço-corpo" (corpo como espaço) e a própria "cidade-corpo" em uma relação dialética, com suas formas e com a vida que os anima. (BRAGIONI, Guido Lins. *A fluidez da paisagem na cidade-corpo*. Ensaios de Geografia. Niterói,

vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.)

A partir disso Bragioni coloca a ideia direta da paisagem em relação aos corpos, entendendo nesse momento que a relação entre esses elementos é mútua, porém a automatização da paisagem impede percebermos a dinâmica fluida entre esses integrantes como relata.

Estar sobre as paisagens da cidade-corpo é antes de tudo estar sobre você mesmo e suas finalidades. É abarcar ao espaço na mesma frequência em que o espaço se lança ao corpo. Uma relação dialética para consolidações das paisagens urbanas. A paisagem é marca, matriz e processos espaciais. Na paisagem urbana se esboçam e escancaram rugosidades, histórias contadas por corpos e a própria ação operativa do olhar, ou seja, a paisagem da cidade-corpo é humana, antes de tudo. Conseguimos imergir em diferentes dimensões e em poucos períodos de tempo dentro do meio urbano. Somos levados pela perspectiva que cada canto da cidade apresenta e nos refugiamos naqueles que através de nós, nos convém. Expressamos a nossa parte da cidade observando os carros que passam ou deixando-os de serem observados. A paisagem vai se automatizando na cidade e em nós até o momento em que nossos olhares são permitidos de serem penetrados pela dinâmica fluida do urbano. As relações sensoriais atreladas a cidade, derivadas das vivências espaciais em suas diferentes temporalidades, estão continuamente vinculadas ao que a visão alcança. (BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.)

Assim as dinâmicas de poder refletidas na paisagem se veem quando o corpo negro “perde sua cor”, tornando não relevante a presença, ou a falta, desses corpos marginalizados. Desse modo, Neusa Santos, percebe que uma das maneiras de corpos negros ascenderem socialmente é o aceite da subtração dessa característica como aponta no relato de Alberto em seu livro:

Eu estava crescendo como artista, e então ia sendo aceito. Aí eu já não era negro. Perdi a cor. todo esse jogo era vivido por mim de modo contemporizador. Eu não tinha como me confrontar. Não discutia muito a questão. Ia vivendo. O racismo continuava. Eu era aceito sem cor, mas eu ia vivendo. Esse jogo era o meu jogo também.  
(SOUZA, Neusa Santos. “Tornar-se negro” Cap. 5, pág. 104, 2021.)

Tal como no mundo das artes, do qual Alberto é parte, os ambientes universitários também são elitistas e brancos. Isso porque, como expressa Bárbara Carine (2023), corpos brancos são massivamente encontrados em espaços referenciais, o que expressa essa colonialidade do poder. Sendo essa a reprodução de fenótipos em espaços de poder como o esperado de uma sociedade onde o racismo estrutural se faz presente.

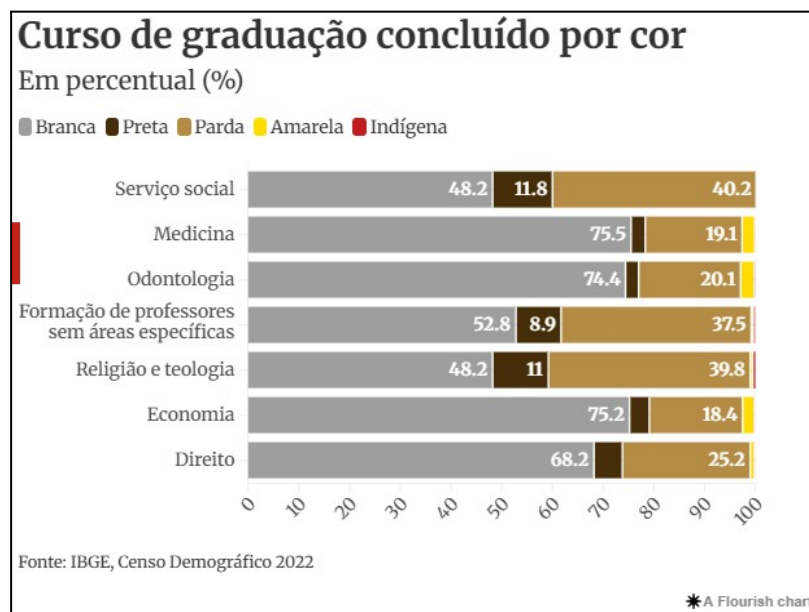
Colonialidade do poder, visto que os espaços escolares reproduziam em sua microesfera o racismo estrutural presente na macroestrutura, ou seja, as pessoas

que ocupavam os espaços de poder das escolas tinham o mesmo fenótipo daquelas que ocupavam os espaços de poder da sociedade como um todo.  
(CARINE, Bárbara. “Como ser um educador antirracista” pág. 26, 2023).

Percebendo essas relações de poder, assim como nas escolas como mostra a autora, a reprodução dessas microesferas também é percebida nas universidades. A escritora também mostra a valorização social de determinados cursos em seu livro, assim pode-se perceber a por meio das porcentagens de estudantes brancos uma elitização desses cursos (figura 1).

Elas são detentoras dos meios de produção de mercadorias, são donas das empresas, das indústrias, são as pessoas que dominam os cursos universitários socialmente mais valorizados dentro dessa cultura bacharelesca: medicina, direito e engenharia.  
(CARINE, Bárbara. “Como ser um educador antirracista” pág. 46, 2023).

**Figura 1**



Fonte: “<https://www.metropoles.com/brasil/censo-755-dos-formados-em-medicina-sao-brancos-e-28-pretos>” Acesso: 6 dez. 2023.

Assim como percebido nas referências acima, podemos observar que a paisagem é reflexo da interação entre sujeitos e espaço em cada local, seguindo padrões definidos e reinventados pela cultura. Nessa perspectiva, fazendo um recorte às universidades públicas percebe-se que esses espaços se depreendem de perfis específicos dos estudantes sendo esperados estereótipos relacionados diretamente aos gêneros, classes sociais e raças, especificamente em cursos entendidos como elitizados, tal qual Medicina, Direito e Engenharias.

Essa questão torna mais evidente a questão de pertencimento do corpo negro. Pelo

fato da baixa, ou nenhuma, representação nesses cursos. Neusa apresenta essa relevância no depoimento de Carmem o qual mostra que a contínua comprovação de merecer estar nesse lugar de conhecimento se torna mais notável para pessoas negras. Desse modo conseguimos entender que a presença do corpo na análise da paisagem gera uma diferenciação no significado que aquela exprime, pelo fato das dinâmicas de poder criarem barreiras que não são físicas, mas simbólicas como se determinados corpos não pudessem formar paisagens específicas conforme mostra o relato recebido de Carmem por Neusa Santos Souza em sua obra “Tornar-se Negro”:

O sentimento de rejeição existe. A nível de existência, no dia a dia. Depois que eu adquiri consciência, eu tentei me impor - pelo lado intelectual, que é um modo de competição. A gente tem duas opções *pra* não se sentir isolada: a gente integra à comunidade negra - e eu já estou fora dela há muito tempo - ou se integra ao meio de dominância branca, que não satisfaz. É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando. Justamente por ser negro tem sempre a ideia de um merecimento por você estar ali. A gente sempre tem que ter uma justificativa *pra* dar por estar nesse meio. E tem o teste *pra* ver se a gente continua merecendo. A exigência de ser o melhor é *pra* todo mundo, *pra* toda a sociedade, mas os negros são aqueles que têm que assimilar isso melhor.  
(SOUZA, Neusa Santos. “Tornar-se negro” Cap. 5, pág. 105, 2021.)

Mas afinal, será que as paisagens ganham sentido em relação à coerência/incoerência com os corpos segundo seus marcadores de classe, raça e gênero? Quais corpos estamos acostumados a ver e em quais paisagens? Perguntas como essas alinham-se ao questionamento de John Wylie (2006) em sua obra *Landscape*: "Afinal, contemplamos a paisagem ou estamos dentro dela? Ou ambas as coisas?...".

Esses questionamentos, conforme aponta Victor Dantas Siqueira Pequeno (2023) em "*Corpo: uma categoria útil para a Geografia?*", são recentes. A importância do corpo ainda é tímida nas análises geográficas. Assim, seguimos nessa linha, contribuindo para a reflexão de que as paisagens podem ser analisadas em suas relações com os corpos, e não apenas sob a ideia de coletividade humana sem rosto.

Sim, a utilização dos corpos nas análises da geografia deve ser considerada, já que o não uso desses corrobora a manutenção das dinâmicas de poder que existem na nossa sociedade onde se reflete em ambientes de trabalho, convívio e principalmente nos acadêmicos (especialmente de universidades públicas), pois muitos estudantes negros alcançam cursos superiores de excelência por intermédio de políticas públicas de cota, o que pessoas que não entendem a importância histórica dessas desprezam suas inteligências por esse fato.

Percebe-se desde o início que os cursos chamados “imperiais”, Medicina, Engenharia

e Direito, mantêm o seu perfil elitista nas universidades. Porém essa lógica nos dias atuais vem tentando ser quebrada por meio da democratização da educação superior mediante a política de cotas. Infelizmente, a possível garantia de acesso não consiste na verdadeira quebra dessa relação de elitização, pois sabemos que a permanência de estudantes menos favorecidos é extremamente difícil por conta das condições impostas por esses cursos.

A autora Hustana Vargas (2008), deixa claro em sua tese de doutorado que no sistema educacional superior ainda existe uma hierarquização de determinados cursos e um dos que lidera essa lista é o curso de Direito. Vargas (2010) conclui que esse cenário se repete em diferentes estados do Brasil assim como em faculdades estrangeiras. Além disso, expõe que as carreiras mais elitistas não carregam essa característica apenas por conta dos estudantes que as frequentam, estes normalmente mais favorecidos, mas também pela questão do mercado de trabalho desses empregos onde esses mantêm essa hierarquização pelos desníveis salariais acentuados, o que no fim mantém o status social elevado desse curso.

Partindo desse ponto a escolha do curso de Direito foi tomada para percebermos se com o passar dos anos essa estrutura tem mudado a partir da implementação da graduação em Direito na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu- RJ, área de grande importância na Baixada Fluminense. O curso é justificado pela instituição a fim de atender a demanda da formação de profissionais daquela região entendendo a necessidade da cidade onde se destaca os setores empresariais e imobiliários.

O curso de direito na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Nova Iguaçu, tem como objetivo o atendimento às necessidades sociojurídicas da comunidade da Baixada Fluminense e do estado do Rio de Janeiro. Cuida-se, pois, de uma bastante consecução da aplicabilidade do princípio constitucional da função social. A Baixada Fluminense, região na qual o *campus* Nova Iguaçu da UFRRJ está localizado, se caracteriza como um território em franco desenvolvimento e de grande importância para o estado do Rio de Janeiro. Os indicadores geográficos apontam para uma população de aproximadamente quatro milhões de habitantes nessa região. Especificamente, quanto à Nova Iguaçu, destacam-se os setores empresariais e imobiliários, com consideráveis impactos socioambientais. Acrescente-se, ainda, o crescimento significativo do setor de serviços, dentre outros investimentos públicos e privados, os quais evidenciam um cenário profícuo para as regiões vizinhas ao Instituto Multidisciplinar da UFRRJ. (<https://cursos.ufrj.br/grad/direitoni/apresentacao/> Acesso: 6 dez. 2023)

Assim, a Universidade Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar, ao se encontrar no município de Nova Iguaçu, no qual existe 69% de pessoas que se autodeclaram negros, segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024, nos geraria a expectativa de nela encontrar uma maioria de estudantes negros, tanto da própria cidade quanto do restante da baixada fluminense, caso que não é percebido no curso

de direito da mesma.

Tal questão pode ser percebida a seguir com a pesquisa realizada no campus, que mostra a pequena taxa de estudantes negros no curso de direito comprovando assim essa dinâmica de falta de representação.

#### **4. A PAISAGEM DO CURSO DE DIREITO DA RURAL-IM**

Na sessão anterior, observou-se que, apesar da contínua democratização do ensino superior, alguns cursos ainda mantêm um status “imperial”. Além disso, a presença de corpos fora do padrão hegemônico continua rara, mesmo com as políticas de acesso a esses espaços. Como resultado, as paisagens das salas de aula e dos ambientes acadêmicos desses cursos seguem marcadamente embranquecidas, fazendo com que corpos negros ainda sejam vistos como incomuns.

Essa percepção do corpo negro como “fora de lugar” influencia a própria construção do senso de pertencimento desses indivíduos dentro da paisagem acadêmica. Como resultado, por se tratar de uma paisagem historicamente elitista, ela nem sempre é plenamente reconhecida ou aceita pelos estudantes negros que a ocupam.

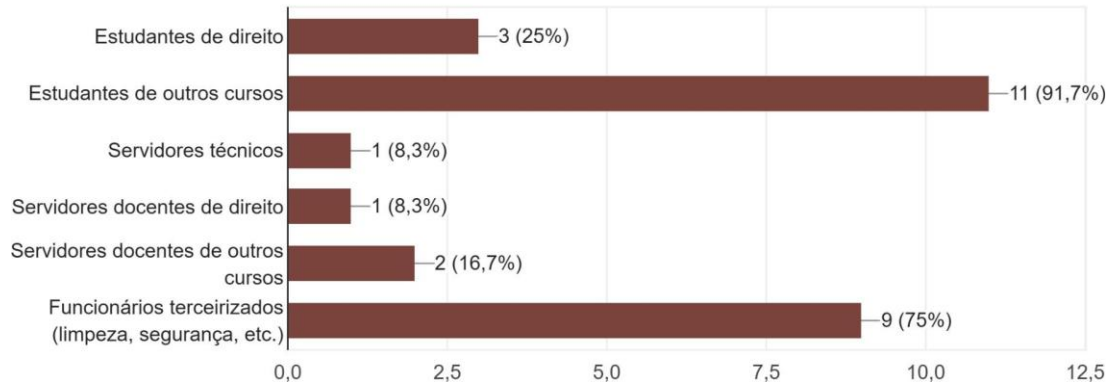
Diante dessa questão, foi realizada uma pesquisa com estudantes negros do curso de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu, com o objetivo de compreender como eles percebem seu pertencimento à paisagem acadêmica.

Durante a pesquisa foi percebido que uma boa parte dos corpos formadores da paisagem do campus como um todo da UFRRJ-IM são negros, análise identificada durante a pesquisa com o questionamento “Você costuma ver negros em seu campus?” onde 100% dos entrevistados responderam positivamente, porém uma quase que inexpressiva parte deles compõem o curso de Direito o que é evidenciado pela figura 2. Esse dado reforça a pequena frequência desses estudantes no curso de Direito da UFRRJ-IM, o que também é corroborado pelos resultados da pesquisa (Figura 2). Desse modo, comprovamos uma diferenciação de público para qual é direcionado determinados cursos, visto que o campus divide espaço com graduações de licenciaturas e Ciências da Computação. Mostrando que se mantém o status de curso “imperial” no qual Edmundo Coelho (1999) e Hustana Vargas (2010) comentam em seus textos. Além disso, apesar desse não ser o objetivo da pesquisa, também chama atenção a diferença racial entre a diferença na composição racial do corpo docente, onde é incomum a presença de professores negros do curso de direito, e dos servidores terceirizados da universidade, onde existe uma grande quantidade.

**Figura 2**

Se sim, eles normalmente são:

12 respostas



Fonte: Autoria própria.

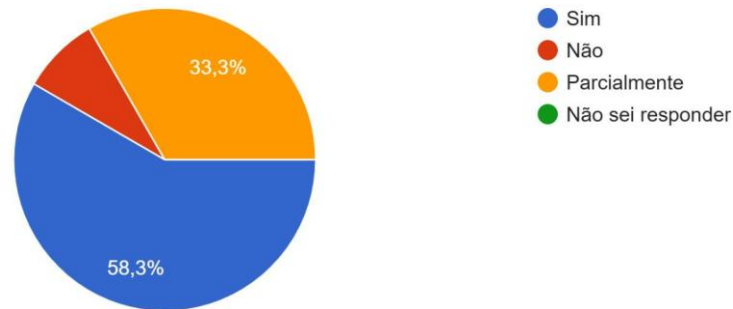
Mesmo com os espaços comuns da universidade ter a diversidade racial e social como comprova o gráfico anterior, muitos desses estudantes não se sentem integrados plenamente ao curso, esse sentimento pode ser entendido a partir da percepção de Neusa Souza (2021) em sua entrevista com Carmem sobre como o simbolismo de estar naquele local está atravessado pela constante comprovação do merecimento de se manter ali.

Desse modo, como evidencia o gráfico a seguir (Figura 3). Apesar de pouco mais da metade das respostas apontarem para um sentimento de integração, quase metade dos estudantes se sente parcialmente ou não se sentem integrados. Esse fato corrobora Melina Martins (2018) quando a autora expõe que ainda é necessária a necessidade de gerar maior inclusão de estudantes fora do perfil hegemônico em cursos tradicionalmente ocupados por grupos mais privilegiados da sociedade. Isto porque, mesmo em uma paisagem corpórea diversificada, os estudantes desse curso não se sentem integrados pela falta de presença de corpos similares aos seus na graduação de Direito. Além disso, mostra que ainda pode ser vista uma hierarquização de determinadas graduações onde o curso de Direito é líder, como aponta Hustana Vargas (2010).

**Figura 3**

Você se sente integrado no direito da Rural?

12 respostas



Fonte: Autoria própria.

Desse modo conseguimos perceber que a presença de estudantes negros na graduação de direito perpassa a simples matrícula nesse curso, pois a representação corpórea desse curso não seria similar a corpos semelhantes à desses alunos. Sendo assim a questão do simbolismo da representação de um corpo negro na paisagem de uma sala de aula de direito, mesmo que no território da baixada fluminense, não seria lido com normalidade. A partir disso, conseguimos perceber a sensação geral dos estudantes do curso.

Agora veremos a percepção de um estudante individualizado para compreendermos se as concepções se alinham com o pensamento geral. Nessa etapa de pesquisa, foi realizada uma entrevista com Vitor Alexandre, ex-estudante do curso de Direito, formado em 2023. Durante a conversa, foi feita a seguinte pergunta: *"Se fosse feita uma pintura de uma turma de Direito da UFRRJ-IM, o seu corpo estaria presente nela?"* Com muita convicção, ele respondeu que um indivíduo semelhante a ele não seria representado. Além disso, destacou que, em sua foto de formatura, apenas quatro pessoas negras estavam presentes. Isso mostra o alinhamento com falta de representatividade que os outros estudantes percebem a partir da baixa quantidade de alunos negros na graduação de Direito.

Além disso, durante a entrevista, o estudante acrescentou que, além da baixa presença de alunos negros no curso, o corpo docente permaneceu exclusivamente branco por anos, tendo apenas em 2023 a inclusão do primeiro professor negro. Essa realidade torna ainda mais difícil a identificação dos estudantes negros com a paisagem acadêmica do curso, reforçando a sensação de distanciamento e a falta de representatividade tanto entre os colegas quanto entre os professores. Esse fato pode ser compreendido por meio da análise feita por Bárbara Carine (2023) como uma microesfera que reflete a macroesfera dos espaços de

poder, onde as pessoas que representam o futuro daqueles que no momento estão como estudantes, profissionais do direito, expressam a baixa representatividade de corpos negros. O que também se alinha a percepção dos estudantes que responderam a pesquisa sobre a baixa presença de corpos negros que compõe o corpo docente.

De mesmo modo, muitos estudantes do curso não residiam na Baixada Fluminense, vindo de áreas nobres do município do Rio de Janeiro, e, em sua totalidade, tinham pele branca. O entrevistado relatou que o curso de Direito da UFRRJ-IM tem se tornado, para esses estudantes privilegiados, um degrau de acesso à graduação na Faculdade Nacional de Direito (FND). Esse fenômeno reforça a hierarquização dentro do próprio espaço acadêmico, onde a presença de alunos da Baixada Fluminense, que deveriam ser protagonistas nesse ambiente, acaba sendo reduzida a uma posição subalterna. Essa dinâmica se reflete claramente no cotidiano das salas de aula, evidenciando a desigualdade e a desvalorização dos estudantes locais dentro de sua própria paisagem acadêmica.

Por fim, o estudante destacou que, ao ingressar no curso, sofreu um impacto inicial devido à sua pele retinta, pois sua presença não correspondia ao perfil historicamente esperado para um estudante de Direito. Essa percepção contrastava com a experiência vivida em outras áreas comuns da universidade, onde o espaço era compartilhado com alunos de licenciaturas, por exemplo. Nesses ambientes, ele afirmou ter sido mais facilmente aceito, sem o mesmo estranhamento sentido dentro do próprio curso. No entanto, apesar dessa maior receptividade em determinados espaços, acrescentou que nunca se sentiu completamente integrado à UFRRJ-IM, reforçando a ideia de que a paisagem acadêmica do curso de Direito ainda impõe barreiras simbólicas e sociais à plena inclusão de estudantes negros. Como vimos nas vivências expressadas por Carmem no relato compartilhado com Neusa Santos (2023).

Por fim, conseguimos responder questionamentos propostos no início da sessão anterior: que os marcadores por quais os corpos são atravessados fazem diferenças nas análises nas paisagens, pois, como vimos durante essa sessão, a paisagem é o reflexo das dinâmicas de poder vistas nos locais por onde se transitam corpos. Além disso, as questões de pertencimento das pessoas que são transpassadas pelas características que não refletem o esperado pela dinâmica de poder desses locais elitizados, dificultam mais ainda a sensação de pertencimento ao espaço mesmo esse estando em um território que seria mais comum corpos negros.

## 5. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho demonstra que a paisagem acadêmica do curso de Direito da UFRRJ-IM, localizada na Baixada Fluminense, região com mais de 65% de população autodeclarada negra (IBGE, 2022), ainda é marcada por uma significativa desproporção racial. Apesar da localização geográfica, a universidade ainda se mantém com características embranquecidas no curso de Direito, o que mantém ainda simbolicamente barreiras a corpos negros. Essa conclusão se pode dar ao uso do debate da análise da paisagem.

Nesse contexto, o conceito de “corpo-paisagem” revela-se fundamental para compreender que os processos que elaboram as paisagens nem sempre se mostram óbvios, enquanto cenário físico, mas constituem uma construção social dinâmica, atravessada por relações de poder, raça e classe. Desse modo, a ausência de corpos negros nas salas de aula e no corpo docente do curso de Direito não é um acaso, mas reflexo de hierarquias históricas que naturalizam a presença de certos corpos em espaços de prestígio enquanto marginalizam outros.

Desse modo, percebemos que apesar de compartilharem os mesmos espaços, corpos negros e brancos são interpretados de formas diferentes a partir do momento em que um corpo é coerente ou não a aquele espaço de poder expresso pela paisagem ocupada na perspectiva histórica e hegemônica. Bárbara Carine expressa isso quando diz:

“Isso de se verem de modo massivo em todos os espaços de poder é um privilégio crucial na construção da autoestima da branquitude, pois mesmo as pessoas brancas que não acessaram o acúmulo material que seus ancestrais deixaram para as novas gerações têm a facilidade de se projetar os espaços de poder representatividade absoluta.”

(CARINE, Bárbara. “Como ser um educador antirracista” pág. 47, 2023).

Assim podemos perceber que corpos brancos são corriqueiramente apresentados em locais de poder, enquanto corpos negros passam despercebidos desses lugares, mesmo que ambos ocupem a mesma paisagem em uma realidade. Pela falta de representatividade a estranheza gerada pela presença em posições de poder ocupadas por corpos negros é reflexo direto da desnaturalização disso. Isso tudo é explicado por Mitchell quando mostra que a paisagem atua para naturalizar as desiguais relações de poder, através dos nossos corpos e dos nossos comportamentos. Por isso, a categoria “corpo” pode contribuir para os estudos sobre o conceito de paisagem.

Além disso, os dados coletados junto aos estudantes negros, incluindo a sensação de

não pertencimento, a baixa representatividade e o relato do ex-aluno Vitor Alexandre, reforçam que o acesso, por si só, não se traduz em inclusão efetiva. Dessa forma, a permanência de um perfil majoritariamente branco e oriundo de áreas nobres do Rio de Janeiro no curso de Direito evidencia a elitização persistente desse ambiente, mesmo em um território de predominância negra.

Desse modo, podemos concluir que as análises geradas pelo uso dos corpos nas paisagens geram diferentes conclusões como mostrado ao longo do trabalho, pois apesar a universidade se encontrar em lugar majoritariamente composto por pessoas negras e onde os matriculados no curso se alinham a isso, as paisagens dos corpos formadores das salas do curso de Direito vão na contramão do todo da universidade. Assim, uma boa parte dos estudantes refletem diretamente o embranquecimento e a elitização de um dos cursos de maior prestígio social e entendido como imperial até os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antiracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Nova Iguaçu (RJ)*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/pesquisa/10102/122229>

MARTINS, Melina Klitzke. *Há tendência de democratização no acesso a cursos de prestígio da UFRJ? Análise com base no perfil dos ingressantes – 2013 a 2016*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. *Corpo: uma categoria útil para a Geografia?* Boletim Alfenense de Geografia, v. 3, n. 5, p. 18-41, 2023.

SAUER, Carl O. *A morfologia da paisagem*. 1925. Tradução de Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de Roberto Lobato Corrêa.

SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

SOBRAL, Dimitri Silva. *A elitização da educação pública: não é para todo mundo e nem para todo lugar*. Revista Pensata, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.11086>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 2013.

VARGAS, Hustana Maria. *Represando e distribuindo distinção: A barragem do ensino superior*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_, Hustana Maria. *Sem perder a majestade: “Profissões Imperiais” no Brasil*. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 15, n. 28, p. 107-124, 2010.

WYLIE, John. *Landscape*. Cambridge: Routledge, 2006.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/pesquisa/10102/122229>